

CHRISTINE DE PIZAN E A CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE FEMININA NA QUERELLE DE LA ROSE

CHRISTINE DE PIZAN AND THE CONSTRUCTION OF FEMALE AUTHORITY IN THE QUERELLE DE LA ROSE

Joseane Passos Ferreira⁵
Carolina Gual da Silva⁶

Artigo recebido em 13 de novembro de 2022
Artigo aceito em 17 de dezembro de 2022

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir acerca da construção de autoridade intelectual que Christine de Pizan faz para si ao longo da *Querelle*. Buscando defender o sexo feminino e romper com o imaginário, as cartas nos permitem avaliar a criação de redes de contato nas relações de poder no medievo tardio sob a ótica do Gênero e assim, compreender parte da representação feminina na literatura medieval.

Palavra-chave: Cartas. Gênero. Christine de Pizan. Debate Literário. Querelle de la Rose.

Abstract: This article aims to reflect on the construction of intellectual authority that Christine de Pizan makes for herself along the *Querelle*. Seeking to defend the female sex and break with the imaginary, the letters allow us to evaluate the creation of contact networks in power relations in the Late Middle Ages from a gender perspective and thus understand part of her representation of women in medieval literature.

Keyword: Letters. Gender. Christine de Pizan. Literary Debate. Querelle de la Rose

[...] muito maiores foram os benefícios trazidos pelas mulheres de boa alma, sobretudo por aquelas sábias das letras e das ciências [...] espanta-me muito a opinião de alguns homens que não querem que suas filhas, mulheres e parentas tenham

⁵ Graduanda em História (licenciatura) pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sob orientação da Profa. Dra. Carolina Gual da Silva. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9164-5696> E-mail: jferreira1@hotmail.com

⁶ Doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas; professora adjunta de História Medieval na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; pesquisadora do LEME e do LINHAS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6534-0389> E-mail: carolgual@gmail.com

conhecimento científico (CHRISTINE DE PIZAN, *A Cidade das Damas*, Livro II, Capítulo XXXVI)⁷

Ao longo da obra *A Cidade das Damas* (1405), Christine de Pizan dedica-se a reunir damas de diversas categorias sociais e feitos distintos, as quais auxiliaram a humanidade a progredir de alguma forma. Faz isso ao elencar exemplos femininos que sustentam o modelo de virtuosidade criado pela escritora. Tal como Minerva ao cultivar sua inteligência, as guerreiras Amazonas como modelo de coragem e força, a Virgem Martina ao semear e viver a palavra de Deus – essas são apenas algumas das mais de cem damas virtuosas que ergueram a cidade-refúgio na obra de Pizan. Entretanto, uma questão importante é que a obra se destaca não apenas como um marco de representatividade para a mulher medieval, mas ela também corrobora a hipótese de que Pizan tinha uma autoridade intelectual, logo, uma influência social. Essa autoridade auxiliou na propagação, tradução e resistência do livro até os dias de hoje, fazendo dela uma das mais estudadas da autora.⁸

Para além de *A Cidade das Damas* e outras obras literárias⁹, Christine também nos legou um conjunto de epístolas que nos permitem

⁷ Utilizamos aqui a versão traduzida para a língua portuguesa por Luciana E. de F. Calado Deplagne em 2006, como parte da sua tese de doutorado, intitulada “A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan”. Em 2012, o livro foi publicado pela Editora Mulheres.

⁸ Angus J. Kennedy em sua obra *Christine de Pizan: a Bibliographical Guide Supplement 2*, por exemplo, identifica 1.255 trabalhos, entre artigos e livros, sobre Christine de Pizan e seus escritos apenas entre 1991 e 2002 em um aumento significativo em relação aos anos anteriores (por exemplo, entre 1981-1991 apenas 391 itens). Embora os outros numerosos escritos de Christine tenham se tornado mais presentes nas análises dos últimos anos, a *Cidade das Damas* continua sendo a obra mais estudada: são quase 280 obras entre edições, traduções e estudos críticos (KENNEDY, 2004).

⁹ Não seria possível citar todas as obras de Christine, porém, entre as mais estudadas e traduzidas estão: *Épître d'Othéa* (1400), *Livre du long chemin d'étude* (1403), *Livre de la mutation de Fortune* (1403), *Livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V* (1404), *Livre des trois vertus* (1405), *L'advison Cristine* (1405), *Livre du corps de policie* (1406), *Livre des fais d'armes et de chevallerie* (1410), *Livre de paix* (1413) e *Ditié de Jehanne d'Arc* (1429). Acerca da relação de todas as obras em formato alfabético, ver, TARNOWSKI, 2018, p. 8-15.

compreender as relações de poder envolvidas nesse processo de construção de autoridade. Através da análise das cartas escritas por Pizan e de uma sucinta contextualização acerca da sociedade da França medieval, buscaremos explicar como se forma esta autoridade intelectual de Christine de Pizan. Para tal, este artigo faz um recuo até o primeiro debate literário protagonizado por uma mulher no ocidente (MACEDO, 2002, p. 94), a *Querelle de la Rose* – ou *Debate do Romance da Rosa*, a fim de refletir acerca do impacto de Pizan, tanto na literatura, quanto na sociedade em que estava inserida. Analisamos, assim, como formas de poder estão presentes também nas disputas literárias e nos papéis de gênero na sociedade medieval.

Uma contextualização: a escritora e o debate literário

Nascida na Península Itálica, mais especificamente em Veneza, Christine de Pizan (1364-1430) muda-se ainda criança para Paris, onde seu pai, Tommaso di Pizzano, é convidado pelo rei Carlos V para ser o astrônomo oficial da corte francesa. Acerca da educação de Pizan, esta não podia frequentar a universidade por ser uma mulher, logo, teve no pai e no rei exemplos de figuras masculinas de autoridade e ensino.¹⁰ Para Lucimara Leite (2018, p. 115), o acesso da futura escritora à corte e, principalmente à biblioteca real, serviram de espaço para seu fomento educacional. Como aponta Hult (2003, p. 187), Wuensch (2013, p. 5) e a historiografia num consenso geral, Christine de Pizan se casou muito jovem com Etienne de Castel – secretário real –, com quem teve, possivelmente, três filhos.

¹⁰ Ainda que a universidade fosse um espaço restrito aos homens, ao longo de toda a Idade Média temos exemplos de como as meninas e mulheres tinham acesso aos estudos, seja em ambiente familiar, seja através da contratação de tutores ou até mesmo frequentando escolas urbanas. Sobre o tema ver, por exemplo, GREEN, 2001; KERSEY, 1980; RANFT, 2002.

A crença na roda da fortuna é um tema usual no medievo e Pizan não escapa a ele. Segundo Charity Canon Willard (1984, p. 34), a sorte da escritora muda drasticamente com três mortes: a do rei Carlos V, a do pai e a do marido, respectivamente. Assim, desamparada de um suporte masculino, Pizan torna-se a chefe de sua família. Ao interpretarmos a situação através da ótica do gênero, observamos que a escritora subverte o papel feminino esperado na sociedade do baixo medievo uma vez que ela não se casa novamente. Pelo contrário, encontra meios de assegurar o bem-estar de sua família ao decidir adentrar o mundo das letras, dedicando-se exclusivamente à escrita profissional.

Sua carreira literária é iniciada oficialmente, para a historiografia, em 1399 com a propagação das obras *Livre des Cent Balades* e *Épître au Dieu d'Amour*. As duas obras contêm um tom considerado lírico, melancólico e poético, inaugurando a primeira fase de sua escrita (HULT, 2003, p. 191). Nelas, já se observa que a escritora faz o uso de obras clássicas resgatadas pelo movimento humanista italiano, assim como artifícios ligados à mitologia romana, indicando, de acordo com Ana Rieger Schmidt (2021, p. 260), que Pizan estava ligada ao movimento cultural que emergia na França.

Na virada do século XV, no começo de sua carreira, a escritora adentra a *Querelle de la Rose*, ou *Querela do Romance da Rosa*, através de uma troca epistolar. O debate literário foi iniciado pela própria Christine ao corresponder-se com Jean de Montreuil (1354-1418) – preboste de Lille e um dos propulsores do movimento humanista francês. A querela ocorre devido a ideologias divergentes acerca da segunda parte do livro *Roman de la Rose*. A primeira parte da obra é escrita por Guillaume de Lorris no começo do século XIII, baseada no estilo do amor cortês, onde a mulher é representada como uma figura idealizada pelo

apaixonado. Entretanto, não é finalizada pelo autor e é retomada por Jean de Meung (1240-1305). O livro foi muito popular no medievo, porém Meung subverte a forma original e escreve sob uma perspectiva “descortês”, onde a mulher é representada como um ser vicioso e maligno. É contra essa visão propagada por Jean de Meung que Pizan vai se posicionar, abrindo o debate a fim de romper com esse imaginário vil da mulher medieval e, claro, realizar uma defesa do sexo feminino.

Como relembra Tracy Adams (2014, p. 42-44) as conversas e competições literárias – orais e escritas – faziam parte do entretenimento da elite em Paris no século XV. Dentre os mais importantes círculos de grandes trocas intelectuais francesas estavam: as cortes – a exemplo, a corte do duque de Orleans – e a Chancelaria Real. Grandes nomes da elite política e religiosa faziam parte desses círculos, como Nicolas de Clamanges, Gontier Col, Jean de Montreuil. Este último humanista vagueava por estes grupos, onde o objetivo primordial dos nobres membros consistia em alimentar sua intelectualidade através do debate. Conforme citado anteriormente, Christine tinha uma rede de contatos derivada de seu pai e marido – ambos foram vinculados à corte – logo, é possível deduzir que a escritora fazia parte desse círculo social cortesão (Willard, 1984, p. 51). Esse contexto social, além de estímulo ao debate, possivelmente foi palco das primeiras trocas entre Pizan e Montreuil.¹¹ Este é um ambiente fértil que também serve de pano de fundo para as primeiras obras da escritora, como *Cent ballades* (1399) e *Livre du debat de deux amans* (1400).

¹¹ Entretanto, não é possível afirmar precisamente como se inicia o debate, visto que, a carta de Jean de Montreuil – que seria a primeira – se perdeu. Logo, a versão que conhecemos desta querela é a replicada e compilada por Christine de Pizan (Adams, 2014, p. 79-81).

Esse círculo intelectual é também de onde vêm alguns dos membros da rede de apoio de Christine de Pizan. Essa rede de apoio é um fator essencial e, ao longo da querela, houve uma divisão entre os apoiadores de cada lado: Christine de Pizan e Jean de Montreuil. Alguns participantes devem ser ressaltados, como Pierre e Gontier, os irmãos Col, apoiadores diretos de Jean de Montreuil, e que também trocaram cartas com Christine. Christine de Pizan contou com dois grandes adeptos em sua defesa¹², Jean Gerson (1363-1429) e a rainha Isabel de Baviera (1370-1435). O primeiro citado, clérigo e chanceler da Universidade de Paris, escreveu sermões, tratados e cartas, colocando-se como uma autoridade intelectual ao lado de Christine. Enquanto a rainha, considerada uma autoridade política, teve um apoio mais implícito, sendo ainda difícil caracterizá-lo¹³, mas que não deve ser desprezado.

É através das cartas trocadas entre esses vários participantes que podemos vislumbrar um pouco sobre como se construía a rede de apoio e como se estabeleciam as relações de poder e autoridade. Mas a epistolografia é uma arte que segue também regras e padrões. É preciso, portanto, refletir acerca do papel e dos usos das cartas no contexto medieval.

A epistolografia e suas nuances

As cartas são fontes históricas complexas e dinâmicas (YSEBAERT, 2009, p. 33), a partir delas é possível entender parte de uma sociedade,

¹² Nesta pesquisa, optou-se por analisar mais enfaticamente o auxílio destas duas autoridades, entretanto, Luciana E. de F. Calado Deplagne (2021, p. 30) aponta que o escritor Guillaume de Tignonville e o marechal Bouciquaut também foram importantes apoiadores de Pizan nessa querela.

¹³ Os estudos até recentemente desprezavam a possível relação entre a rainha Isabel de Baviera e a escritora, a já citada Charity Canon Willard é um exemplo. Entretanto, novas revisões bibliográficas sugerem que há uma possibilidade. Ver, ADAMS, 2009.

refletir sobre seus usos e ideais. Partindo desta ideia, entendemos parte da relevância histórica presente nas cartas da querela, sendo esta a principal fonte da pesquisa. Na obra *Debate of the Romance of the Rose* (2010), David F. Hult compila parte das epístolas que concernem ao debate¹⁴, faz isto traduzindo-as do francês para o inglês moderno. Dentro desta organização encontram-se os escritos dos irmãos Col e de Jean Gerson também. O principal foco, entretanto, está em duas epístolas assinadas por Christine de Pizan, as quais foram enviadas para Jean de Montreuil e Pierre Col, em 1401 e 1402 respectivamente. Durante a análise da fonte, observamos que Pizan faz uso de artifícios retóricos que têm como propósito a persuasão do destinatário e a demonstração da eloquência do remetente. Isso é importante pois o estudo da epistolografia medieval também se propõe a entender parte dos aspectos mais técnicos do discurso.

É necessário ter em mente que a prática epistolar no medievo faz parte da comunicação e o refinamento dos códigos retóricos, que tem como finalidade transmitir a mensagem ao seu receptor de uma forma mais eficiente. As técnicas de retórica surgem na Grécia Antiga, tendo ainda na tradição da oralidade a necessidade do homem de transmitir, em formato eloquente, sua mensagem. Gradualmente, tais artifícios ganham importância e é entre os séculos IX e XI, na região italiana, que “a arte epistolar tornou-se o principal reduto do aperfeiçoamento da retórica” (BOVO, 2015, p. 265). A ideia de linearidade e unidade não existe, ou seja, a tradição epistolar no baixo medievo é fluída e se remodela devido ao local ou período. Logo, as técnicas de escrita

¹⁴ Hult não foi o único pesquisador a realizar o trabalho de tradução dessas cartas. Em 1977, Eric Hicks é o primeiro a traduzi-las para o francês moderno, ainda na década de 1970, Joseph L. Baird e John R. Kane traduzem-nas para o inglês. Há ainda duas traduções mais recentes, no francês por Virginie Greene (2006) e no inglês, de Christine McWebb e Earl Jeffrey Richards (2007).

tinham como objetivo “o máximo de clareza dos argumentos por meio de palavras bem adornadas e convincentes” (BARROSO, 2019, p. 13).

Os populares compêndios *ars dictaminis* fazem parte dessa mudança na tradição epistolar. Estes tinham como objetivo apresentar fórmulas previamente delineadas que auxiliavam na elaboração das ditas cartas. Tal estilo se espalha pela Europa medieval em construção, chegando à França, onde já no século XII se aperfeiçoavam os *dictamens* com suas próprias regras (WITT, 2005, p. 73). A única constância percebida nos modelos *dictamens* medievais europeus é o uso das cinco partes da carta: *salutatio* (uma saudação ao leitor, tendo em mente a posição na hierarquia), *exordium* (introdução de forma amena, para assegurar a boa vontade do leitor), *narratio* (o desenvolvimento em si da carta), *petitio* (o pedido do remetente) e *conclusio* (a conclusão). Basicamente, essa estrutura busca seguir as convenções de autoridade e poder entre o remetente e destinatário.¹⁵

Devido a essa estrutura aparentemente bem estabelecida, é possível dizer que Christine de Pizan fazia uso, no século XV, de tais fórmulas, uma vez que as identificamos em suas epístolas. Entendendo que a escritora estava no início de sua carreira, assim, no processo de construção da sua autoridade intelectual, não seria um completo equívoco supor que utiliza dos artifícios retóricos para melhorar seu texto, deixando-o ornamentado, dentro dos parâmetros sociais exigidos e, principalmente, aprimorando o conteúdo persuasivo do texto. Além

¹⁵ Deve-se ressaltar que, dependendo a quem se destinava a carta, alguma parte poderia faltar deste modelo geral. Todas as suas partes geralmente eram utilizadas quando se destinava a uma autoridade política, principalmente a parte da *petitio*, reservada a uma petição por parte do interlocutor. Pizan, por exemplo, não faz uso desta em suas cartas.

disso, com o uso desses recursos, ela se insere em uma tradição intelectual e toma para si essa autoridade.

As estratégias do discurso sob a perspectiva de gênero

A História, por séculos, foi produzida por homens e para homens, assim, a figura feminina sempre apareceu à margem da sociedade. Fazer uso da categoria de gênero como ferramenta analítica, seja em qual período tratar, amplia significativamente a perspectiva acerca dos agentes históricos concentrados ali. Essa é uma forma que o historiador tem de decodificar as relações e suas nuances que formam o corpo social (SCOTT, 1995, p. 89). Portanto, nosso propósito em utilizar o gênero como referencial teórico consiste em partir do princípio que, sob essa perspectiva, o medievo é fluido e transitório (FORTES, 2019, p. 15). Buscamos romper com as margens, de forma que a mulher não fique refém de uma representação ideológica que a inferioriza. E ao longo da pesquisa, entendemos que Christine de Pizan tinha plena consciência do seu lugar de gênero, ainda que não utilizasse essa categoria conceitual que é, para nós uma ferramenta heurística.

Como dito anteriormente, as fórmulas retóricas do *ars dictaminis* guiam e contribuem para que o remetente construa um discurso persuasivo e conectado. Neste estudo, buscamos definir como estratégias do discurso os recursos que fomentam a retórica de Pizan em prol do gênero feminino. A análise das epístolas foi realizada tendo em mente que a escritora tinha dois objetivos: criar uma autoridade intelectual para si e realizar a defesa das mulheres. Pizan faz isto a fim de quebrar o imaginário de seu contexto, sendo este uma construção mental e ambígua que permeia a sociedade (MAFFESOLI, 2001, p. 75). Deste modo, seus esforços se concentram em remodelar a noção, principalmente dos homens, sobre a figura feminina.

Ao analisar as epístolas direcionadas a Jean de Montreuil e Pierre Col, compreendemos uma similaridade, sendo esta a primeira grande estratégia retórica de Christine. Essa estratégia consistiu em induzir a ideia da inferiorização de suas próprias capacidades biológicas e intelectuais, exatamente por ser uma mulher. Como se percebe no trecho da carta endereçada a Jean de Montreuil:

[...] de mim, Christine de Pizan, uma mulher de intelecto inexperiente e sensibilidade descomplicada. Não deixe que esses fatores de modo algum induzam sua sabedoria a desprezar a leviandade de meus argumentos, mas sim a consentir em compensar esta deficiência em consideração à minha fraqueza feminina. (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 50, tradução nossa)

Em outro trecho, desta vez direcionado a Pierre Col: “[...] eu seria incapaz de combinar com seu belo estilo, por favor, leve em consideração minhas falhas e falta de habilidade.” (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 159, tradução nossa). Há outras particularidades que devem ser ressaltadas acerca desse recurso, como o fato dessa forma de rebaixar-se ocorrer principalmente na *salutatio* e na *captatio benevolentiae*¹⁶ da carta, ou seja, na introdução. Também ocorre ao longo da epístola, mas ao fazer uso desta estratégia na introdução, Pizan corrobora a ideia de que seus textos na querela estão conectados. Portanto, seus escritos têm o intuito de persuadir e de criar um conjunto coeso – algo que se confirmará posteriormente com a compilação das cartas efetuada pela própria autora.

Ainda nesta primeira estratégia é interessante notar como Christine brinca com o fato de ser uma mulher, seu discurso é quase um paradoxo.

¹⁶ Como já colocado, esses recursos *dictamen* tem como objetivo de saudar e de elogiar o destinatário, a fim de colocar-se em uma posição de humildade e, assim, tornar o leitor mais propenso ao discurso da carta. Também conecta-se com uma característica fundamental do pensamento cristão que é a humildade.

No início da carta, ao rebaixar-se, faz uso do discurso predominante no período medieval – a mulher como um ser inferior. Mais que isto, ela quase concorda com o *Roman de la Rose* – obra que se propõe a criticar pela posição que impõe a mulher. Podemos notar isso novamente em outro trecho da epístola enviada a Montreuil, onde a escritora dialoga com seu destinatário: “Li e ponderei sobre seu [...] ensaio em prosa e entendi a essência dele, *dentro dos limites do meu escasso intelecto.*” (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 51, tradução e grifo nossos). Porém, no decorrer de ambas as epístolas, prova o contrário, construindo um discurso complexo e extremamente erudito, demonstrando que a mulher é, acima de tudo, um ser racional.

A primeira carta de Christine, que abre o debate literário, é considerada a grande defesa do sexo feminino. No decorrer da epístola enviada a Jean de Montreuil, entendemos que a escritora também pretende condenar o *Roman de la Rose*: “é uma exortação ao vício que encoraja uma vida dissoluta, uma doutrina cheia de engano, um caminho para a condenação” (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 62, tradução nossa). Portanto, a epístola traz muito mais que apenas uma defesa da mulher e intenção de romper com o imaginário, Pizan deseja que seus opositores reconsiderem a importância da obra. Assim, seguimos a proposta de Maria Filomena Coelho (2019, p. 85) de analisar as cartas indo além da retórica nelas empregada, compreendendo, então, as questões políticas que permeavam o contexto que Pizan estava inserida. Mais do que retórica, suas cartas incitam uma ação. Uma ação política e que interfere diretamente em relações de poder. Isto, para ter uma melhor noção de como ela constrói seu discurso fazendo uso de estratégias pré-definidas.

Os argumentos de Christine, em ambas as cartas – para Jean de Montreuil e Pierre Col -, sempre retomam e têm como base a moral cristã.

Entendemos que, no medievo, política e religião eram elementos intrínsecos e inseparáveis, portanto, quando a escritora faz uso constante da Bíblia, isso não é exatamente uma surpresa. Principalmente quando relembramos que ela era apoiada publicamente por um clérigo, Jean Gerson. Quando refletimos acerca desses usos, usando a categoria de gênero, percebemos que Pizan busca elevar os feitos femininos, principalmente os feitos religiosos. Coloca a mulher sempre como uma figura educada, afetuosa e paciente, logo, moralmente virtuosa, inclusive, citando diretamente algumas mulheres na epístola para Jean de Montreuil: “[...] na Bíblia e em outras histórias antigas, como as de Sara, Rebeca, Ester, Judite e muitas outras.” (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 59, tradução nossa). Logo, pautar seu discurso em aspectos religiosos pode ser considerado uma estratégia discursiva, especialmente sabendo que em seu contexto a religião tinha forte influência, sendo ela, inclusive, apoiada por uma autoridade religiosa. Sua construção de gênero, portanto, não necessariamente rompe com os modelos do período, mas os manipula e subverte de forma a criar uma nova escala de valores e autoridades.

Ainda tendo o gênero como ferramenta interpretativa, entendemos como sendo uma estratégia discursiva quando, ao longo das epístolas, Pizan busca repensar as noções de agência feminina na história em paralelo com o masculino. Ou seja, ela sempre compreendeu que há valores em ambos sexos, ao mesmo tempo em que argumentava em prol do feminino. Ainda na carta para Jean de Montreuil, além de citar damas da bíblia, também abre espaço a contemporâneas:

E mesmo em nossos tempos temos visto na França um número de mulheres dignas, nossas maiores senhoras do reino e muitos outras - devota Rainha Jeanne; Rainha Blanche; a duquesa de Orleans, filha do rei da França; a duquesa de Anjou, que agora é chamada a rainha da Sicília - todas as quais, juntamente com

uma série de outras, possuíam grande beleza, castidade, dignidade e sabedoria. (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 59, tradução nossa)

Christine usa essas nobres damas como um exemplo afirmativo de sua posição de que há mulheres de boa conduta e moral em seu meio. Mais do que isso, são mulheres com funções políticas e de governo, que reafirmam a racionalidade e a posição de poder possível para o gênero feminino. Ou seja, ela as utiliza como modelo de representatividade e para quebrar com o imaginário estereotipado que aparece no *Roman de la Rose* e que é apoiado pelos seus interlocutores.

Para além de citar os grandes nomes de mulheres célebres e reconhecidas, na epístola enviada a Pierre Col, ela utiliza a si mesma como exemplo:

[...] eu amo estudar e a vida solitária, isso eu posso afirmar com sinceridade. [...] foram surpreendidos pelo meu trabalho, não por qualquer grandeza a ser encontrada lá, mas por causa de sua novidade, que é fora do comum. (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 191, tradução nossa)

Aqui, sua transgressão é ainda maior, pois ela desconstrói o papel binário enraizado, onde apenas o homem é um estudioso e eremita. Faz isso ao se colocar como um exemplo de intelectualidade, de moderação – pois leva a vida solitária por opção – e mais, fala dos seus trabalhos anteriores como algo incomum – o que era mesmo. Isso porque as mulheres que se dedicavam a uma vida de estudo eram muitas vezes religiosas, e Christine não. Aqui identificamos um pouco mais de sua transgressão e ousadia. Todo o discurso de humildade e inferiorização evapora diante não só do conteúdo, mas da forma de sua escrita. Ela é, ela própria, o exemplo de virtude feminina que desafia o discurso misógino.

As redes de poder e criação da autoridade intelectual feminina

Como já foi dito, a carreira de Christine é iniciada oficialmente em 1399, enquanto as primeiras cartas da *Querelle de la Rose* são datadas de 1401. Ao seguir a relação de obras da escritora, organizada em formato cronológico por Marcos R. N. Costa e Rafael F. Costa (2019, p. 260-261), observa-se que Christine escreveu oito publicações de 1399 a 1400. Portanto, estava no início de sua carreira e, como uma mulher na sociedade medieval, necessitava constantemente de suporte advindo de grandes autoridades – o que era verdade também para homens, uma vez que a intelectualidade medieval depende do uso e apoio de autoridades. A cultura dos patronos era essencial no baixo medievo e a escritora teve apoio de nobres figuras, como o duque de Orleans, o duque da Borgonha e o rei Carlos VI (KARAWEJCZYK, 2017, p. 192).

Durante a querela em si, como já ressaltado, o grande apoiador de Pizan foi Jean Gerson. O clérigo e chanceler da Universidade de Paris auxiliou a escritora não apenas dando amparo ao debate, escrevendo e colocando-se como uma autoridade intelectual e religiosa. Seu apoio foi além, pois serviu também como um legitimador do discurso de Christine, uma vez que ela estava ainda estreando no mundo das letras e não tinha autoridade suficiente para se colocar sozinha neste debate, muito menos, se fazer ser ouvida. Podemos observar esse apoio do clérigo em sua única epístola – seu apoio se dá majoritariamente através da propagação de sermões – enviada a Pierre Col: “[...] você me associou a uma mulher excepcional, pergunto-lhe se aquela mulher viril a quem seu discurso se dirige [...] não o refutou com sucesso.” (JEAN GERSON *apud* HULT, 2010, p. 226, tradução nossa). Apesar de não citar especificamente Christine, é possível supormos que Gerson fala da escritora pois era a única mulher envolvida publicamente nesta querela.

E mais, ainda devemos destacar como o clérigo caracteriza Pizan, denominando-a excepcional, viril e inteligente – pois foi capaz de refutar Pierre Col.

As redes de poder ainda vão além neste debate, pois há outro elemento crucial que serve de assistência para Christine alcançar sua autoridade como escritora: o apoio da rainha Isabel de Baviera. Entende-se que parte deste suporte ocorre devido ao envio de uma carta de Pizan para a rainha em fevereiro de 1402. Nessa carta, a escritora compila as epístolas da querela até então – no caso, a carta de Gontier Col, Jean de Montreuil e as respostas que ela própria escrevera – e escreve recorrendo ao auxílio de uma figura política e ao mesmo tempo feminina. A escritora coloca a rainha:

[...] se vos agrada honrar-me a ponto de vos dignardes a ouvi-los – sabereis a diligência, o desejo e a vontade com que o meu escasso poder se esforça por opor-se a certas opiniões contrárias à decência [...] (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 99, tradução nossa)

Christine escreve pedindo para que Isabel de Baviera escute seus argumentos. Confirma-se, assim, uma outra característica fundamental da epistolografia medieval que é o seu caráter público de comunicação.

Ao analisar essa relação de cooperação, tendo em mente os valores políticos intrínsecos ao discurso de Christine, observamos o quanto a escritora tinha a plena consciência do caráter público que a troca epistolar medieval confere. Importante destacar que é ela quem leva o debate a público. E não apenas por isto, ao retomarmos a carta endereçada a Jean de Montreuil, em 1401, ela escreve “[...] e desejo declarar, proclamar e sustentar publicamente” (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 51, tradução nossa). Assim, ao atestar tal questão tão enfaticamente, Pizan sustenta a hipótese levantada por David F. Hult

(2003, p. 187) e por Rosalind Brown-Grant (2000, p. 18) de

que manipulou parte da querela ao seu modo. Faz isto a fim de se afirmar na sociedade medieval como uma mulher escritora. Ao trazermos novamente os estudos de gênero à baila, observamos indícios de uma criação de autoridade por parte da escritora, ciente de seu lugar numa sociedade em grande parte dominada pelos homens.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscou-se delinear como Christine de Pizan rompeu com os padrões femininos ditados por parte da sociedade medieval e como criou sua autoridade intelectual. Partindo da categoria de gênero, foi possível quebrar as barreiras pré-estabelecidas pelos conceitos da normatividade e, assim, analisar em caráter mais amplo a participação de Pizan no *Debate da Rosa*. Tal referencial teórico nos auxiliou a compreender aspectos importantes presentes no discurso da escritora, constatando as redes de poder, apoio e o próprio contexto social em que estava inserida.

A epistolografia foi o primeiro passo onde, ao analisarmos as cartas da escritora, entendemos a relevância de um discurso bem construído e conectado. Foi através dos artifícios *ars dictaminis* que Pizan organizou as estratégias retóricas no seu discurso que tinham como objetivo persuadir o leitor com eloquência. Logo, a escritora se fez ouvir não apenas por opositores, mas principalmente por apoiadores. Estes criaram uma rede de poder, recurso essencial para a criação da autoridade que legitimou seus escritos e a si própria, colocando-a em uma posição de destaque numa sociedade caracterizada basicamente pela misoginia.

Portanto, procuramos demonstrar como a autoridade intelectual de Christine de Pizan foi construída. Esta, para ser efetivamente criada,

precisou de uma manipulação por parte da escritora e de uma rede de apoio, composta por autoridades políticas, religiosas e intelectuais, logo, apoio das três esferas de poder na sociedade medieval.¹⁷ Elencamos fatores que nos ajudam a compreender que, para se firmar no baixo medievo como escritor, era necessário o suporte de terceiros – isso não apenas para as autoras mulheres. E que para a figura feminina é uma questão ainda mais complexa, pois Pizan continuou se reafirmando a cada obra publicada.

Em 1402, em sua última carta destinada a Pierre Col, Christine afirma, ao se retirar do debate, que está ocupada com outras coisas (CHRISTINE DE PIZAN *apud* HULT, 2010, p. 159). No ano seguinte, temos registro da propagação de duas obras – *Livre du long chemin d'étude* (1403) e *Livre de la mutation de Fortune* (1403) – o que sugere que a publicidade nos círculos sociais rendeu a Pizan uma certa fama. E, ainda fazendo uso da relação de obras cronológicas, observamos que Pizan escreve assiduamente entre 1403 a 1407 – retornando em 1410 a 1413 – (Costa e Costa, 2019, p. 260-261), abordando temas não apenas referentes à questão feminina, mas também à política e à educação.

Foi com a querela que ela ganhou grande visibilidade, mas em cada obra de sua carreira precisava persuadir seu leitor de alguma forma e, assim, legitimar seu escrito em um espaço majoritariamente masculino. É de consenso geral que Christine abre o movimento literário da *Querelle des Femmes*¹⁸, que perdurou por mais quatro séculos (Deplagne, 2021, p. 28). A sua marca de representatividade feminina na literatura resiste até

¹⁷ A respeito dessas três esferas – *regnum*, *sacerdotium* e *studium*, ver, por exemplo, Verger (2001), particularmente a parte 2.

¹⁸ A *querelle* foi um movimento literário que se espalha pela Europa, com objetivo de defender o sexo feminino, trazendo implícito a si uma luta pela educação das mulheres. Foi adotado tanto por escritoras mulheres quanto homens. A exemplo, *Novelas amorosas y ejemplares* (1637) de María de Zayas, *La galerie des femmes fortes* (1647) de Pierre Le Moyne, *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (1791) de Olympe de Gouges, etc.

hoje, não é à toa que suas obras são, no século XX e XXI incessantemente estudadas na academia. Seu legado literário, sobretudo acerca da defesa de pautas femininas, persiste ainda na contemporaneidade e mostra como as relações de poder são complexas e merecem ser compreendidas a partir de várias abordagens.

Referências:

A) Documentação:

PIZAN, Christine. **A Cidade das Damas**. Tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

PIZAN, Christine *et al.* **Debate of the Romance of the Rose**. Edição e tradução de David F. Hult. Chicago: University of Chicago Press, 2010.

B) Bibliografia:

ADAMS, Tracy. **Christine de Pizan and the Fight for France**. University Park: Penn State Press, 2014.

ADAMS, Tracy. Christine de Pizan, Isabel de Bavaria e Female Regency. **French Historical Studies**, Vol. 32, No. 1, 2009, p. 1-32.

BARROSO, Raphael H. Dias. A cultura epistolar entre antigos e modernos: Normas e práticas de escrita em manuais epistolares em princípios do século XVI. **Revista Cantareira**, n. 30, p. 11-25, ago. 2019.

BOVO, Cláudia Regina. No âmago da epistolografia medieval: tipologia epistolar e política na correspondência de Pedro Damiano (1040-1072). **História**, v. 34, n. 2, p. 263-285, 2015.

BROWN-GRANT, Rosalind. **Christine de Pizan and the Moral Defence of Women**: Reading beyond gender. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COELHO, Maria Filomena. Cartas políticas da Dinastia de Avis: a arte de ditar o bem comum (século XV). **Revista Brasileira de História**, v. 36, n. 72, p. 85-103, 2016.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. **Mulheres intelectuais na idade média**: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

DEPLAGNE, Luciana Calado. Querelle des Femmes: Mapeamento em Português. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 28-42, 2021.

FORTES, Carolina Coelho. Estudos de Gênero, História e a Idade Média: Relações e possibilidades. **Revista Signum**, v. 20, n. 1, p. 7-21, 2019.

GREEN, D.H. **Women readers in the Middle Ages**. Cambridge : Cambridge University Press, 2011.

HULT, David F. . The Roman de la Rose, Christine de Pizan, and the querelle des femmes. In: DINSHAW, Carolyn; WALLACE, David. **The Cambridge Companion to Medieval Women's Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 184- 194.

KARAWEJCZYK, Mônica. Christine de Pisan, uma feminista no medievo?!. **Historice**, v. 8, n. 1, p. 189–204, 2018.

KENNEDY, Angus J. **Christine de Pizan a Bibliographical Guide**. Supplement 2. Rochester, NY: Tamesis, 2004.

KERSEY, Shirley. Medieval education of girls and women. **Educational Horizons**. v. 58, n. 4, p. 188-192, 1980.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan**: uma resistência. Lisboa: Chiado Editora, 2015.

LEITE, Lucimara. Cristine de Pizan e seu projeto utópico.

Morus: utopia e renascimento, n. 13, p. 112-120, 2018.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MAFFESOLI, M. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74-82, abr. 2008.

RANFT, Patricia. **Women in intellectual culture 600-1500**. Nova York: Palgrave MacMillian, 2002.

SCHIMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan e o humanismo francês: elementos para contextualização histórica. **Revista dois pontos**., v. 18, n. 1, p. 247-263, 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guaracira Lopes Louro. **Revista Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

TARNOWSKI, Andrea. **Approaches to teaching the works of Christine de Pizan**. New York: The Modern Language Association of America, 2018.

VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no Ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru: EDUSC, 2001.

WILLARD, Charity Canon. **Christine de Pizan: Her life and works**. NY: Persea Books, 1984.

WITT, Ronald G. The arts of letter-writing. In: MINNIS, Alastair; JOHNSON, Ian. **The Cambridge History of Literary Criticism, vol.II, The Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 68-83.

WUENSCH, A. M. O quê Christine de Pizan nos faz pensar. **Revista Graphos**, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2013.

YSEBAERT, Walter. Medieval letters and letter collections as historical sources: Methodological questions and reflections and research perspectives (6 th-14th centuries). **Studio Medievali**, p. 1-33, 2009.